

# A QUALIFICAÇÃO DOS NOSSOS POETAS

ALCIDES BUSS\*

Cada sociedade tem a poesia que merece. Ou seja, a poesia é ruim porque a sociedade que a gera também o é. Esta parece ser a tônica de artigo recente de Iumna Maria Simon e Vini- cius Dantas publicado na revista **Novos Estudos Cebrap**<sup>1</sup>. Os autores apontam a desqualificação literária da poesia atual. Afirmam: "... os males da nova poesia são pouco registro subjetivo e muita desqualificação." Segundo eles, isto não é expressão direta da queda da qualidade do ensino, do baixo nível cultural, da falta de consciência crítica, etc. Mesmo porque alguns dos autores afinados com a nova tendência são bem preparados. A desqualificação estaria, sim, relacionada com a condição geral da sensibilidade contemporânea: "... nos poemas des- sacralizados compõe-se um painel caótico e banal do cotidiano que é a imagem da dessacralização geral de um mundo igualmente caótico e absurdo." Segundo os autores, difícil é discernir o mais banal: esta poesia ou a realidade que a inspirou.

Entendemos que tais colocações não são tranquilas. Primeiro deve-se registrar que, sob a variedade de rótulos - poesia marginal, poesia independente, poesia alternativa, nova poesia, etc. - com que se tenta denominar a produção poética re-

---

\*Poeta e Professor de Teoria Literária da UFSC.

cente, perde-se ou escamoteia-se a sua multiplicidade e a sua verdadeira dimensão. É neste sentido, por exemplo, que reclama o poeta Cláudio Willer, pedindo que se verifique "se não está predominando uma visão unidimensional e pobre do que acontece na moderna poesia brasileira, perdendo-a de vista como totalidade, deixando de lado o que ela tem de plural e diversificado."<sup>2</sup>

Perguntamos: Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna, Marli de Oliveira, Roberto Piva e tantos outros também não são poetas brasileiros atuais? Foi nesta diretriz a indignação revelada por Lindolf Bell e depois repetida por Renata Pallotini durante o seminário "A Poesia Brasileira Hoje", realizado recentemente na UFSC em promoção da Nestlé. Digamos assim, é como se houvesse interesse em evidenciar uma parte da realidade para escamotear a outra. Efetivamente isto está acontecendo, num jogo de que é cúmplice um segmento da grande imprensa.

A história da poesia brasileira contemporânea por enquanto está mal contada. As condições contextuais levaram a uma certa simultaneidade dos fatos em regiões diversas. Na nova prática de interferência direta dos autores, de auto-edições e de criação de novas alternativas de veiculação da literatura, não houve um comando central ou uma direção definida. Não temos um movimento, mas sim uma movimentação geral gerada pela inquietação, pelo inconformismo e pelo desejo de realização individual mesclado a sentimentos de coletividade. Sobretudo pelo Correio, houve muita troca de experiências, de informações e de incentivos. Cada região tem a sua história para contar, que indispensavelmente deve compor o painel da história maior da poesia brasileira contemporânea.

A ação da Catequese Poética, surgida em São Paulo nos anos 60 com a participação de Lindolf Bell, na prática pouco repercutiu em Santa Catarina, mesmo nos anos posteriores. No entanto, outros poetas exerceiram aqui uma militância já nessa época, entre eles Rodrigo de Haro, Péricles Prade e Osmar Pisaní. Na década seguinte, os anos 70, as atividades se intensificaram imensamente. Em termos de produção alternativa, a revista "Cogumelo Atômico", de Brusque, exerceu um trabalho de repercuções nacionais. Difundiu o Rock, a poesia dos chamados mar-

ginais e promoveu, com várias edições, a Feira Nacional de Arte de Rua. Em Joinville, em 1970, foi criada a Feira de Arte e Artesanato, com todo um trabalho de valorização da cultura popular e de popularização das artes. Mais adiante um grupo de poetas criou a revista "Cordão", com importante receptividade a nível dos circuitos literários alternativos. Em Florianópolis surgiu a revista "Contos & Novelas" e outras (várias) publicações. Em Lages editou-se a revista "Carretão", em Blumenau a "Literaçú", e em Tubarão, a "Faces". A relação não termina aqui, sem contar os suplementos literários e as publicações oficiais. O importante a destacar é que esta movimentação toda renovou o ambiente literário, interferiu nos conceitos de escritor e de literatura e, assim como de alguma maneira foi influenciada, exerceu também a sua influência a nível nacional.

A partir destas considerações, cremos que possa ser melhor compreendida a nova poesia e também melhor avaliada, vista com os olhos abertos, como diria Oswald de Andrade, ou seja, com a perspectiva limitadora da visão unidimensional e sem, a priori traçado, o rótulo desqualificador.

A maioria dos poetas novos não descarta a condição de aprendizagem que permeia a condição de escritor. A crítica literária, é verdade, não tem cumprido o seu papel a este respeito. Os autores, no entanto, fazem o que podem em busca de seu aprimoramento. É curioso como vem evoluindo a própria qualidade gráfica das publicações independentes. Se no início dos anos 70, quando se intensificou a prática das edições alternativas, eram freqüentes as publicações "mal feitas", atualmente já predomina a edição esmerada. Melhorou o domínio técnico do mimeógrafo e de outros meios, mas cresceu principalmente a sensibilidade estética. E isto não está desligado das condições globais da obra literária, onde o suporte cada vez mais tende a integrar-se à linguagem da obra como um todo. Diríamos então que há uma tendência muito forte à superação das condições desqualificadoras de fato existentes.

A Oficina Literária que realizamos na UFSC a par do Vinal Literário, momentaneamente desativada, comprova o que acima se diz. Entre os mais experientes que dela participaram e os iniciantes, houve sempre a marca comum e solidária: o desejo de

aprender. Algumas dessas pessoas mantêm, individualmente ou através de pequenos grupos, um trabalho de continuidade e realização de suas aspirações literárias. Vários têm obras publicadas, na forma de livros, de pequenos cadernos ou de panfletos. O interessante é observar como se faz presente, nessas obras, a referência contextual literária, a intertextualidade e a função metalingüística da linguagem.

Um desses autores é Lau Santos, ex-aluno do Curso de Letras da UFSC e no momento dedicando-se mais ao teatro, onde aliás bastante promete. Antes de ingressar na Oficina já possuía uma pequena experiência literária, inclusive uma publicação de poemas em mimeógrafo. Em 1984 decidiu "bancar" um livrinho, editando **Assim por acaso**. O tom do trabalho é marcado já na abertura por epígrafe de Torquato Neto: "Escute, meu chapéu: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades sempre maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela."

Lau é um dos poucos aqui que assume o rótulo de poeta marginal. Bem informado, embora imensamente informal nos seus hábitos comportamentais, é leitor e admirador de Ana Cristina César, a quem dificilmente se poderia taxar de "marginal". O senso de humor e o desnudamento da linguagem são constantes da sua poesia, como nos versos do poema "Despojo", onde diz:

"que falem os poetas  
que eu vim ao mundo  
pra despi-lo  
e nisso vou fundo:  
ponho nu o pudor  
e faço amor  
com a vida"

Esse despojamento freqüentemente surpreende o leitor da poesia tradicional, que às vezes reage contrariado. Ao impacto do desnudamento da linguagem, soma-se o questionamento dos valores sociais e morais. Como queria Torquato Neto, ser poeta neste tempo é "desafinar o coro dos contentes." Do ponto de vista de uma leitura tradicional, as palavras como que empobrecem ou aparentemente não se apresentam carregadas de senti-

do, conforme deveria ser a palavra poética segundo Eliot. O que ocorre, porém, é que as palavras são dispensadas de uma carga estética a que a maioria de leitores está acostumada, segundo os novos poetas uma carga inútil. Esta falta passa a ser compensada por outros elementos, principalmente associados à flagrância do cotidiano. Com isso, o poema dispõe de voltagem poética, uma voltagem que se intensifica ou diminui, conforme o grau de cumplicidade do leitor. As comemorações poéticas ao ar livre e de forma especial os recitais confirmam isto. Esta poesia reconquistou a sua contraparte orgânica, a comunicação. E quando esta comunicação se estabelece, para o leitor ou para o ouvinte a palavra poética se apresenta carregada de sentido. Este processo traz quase sempre, ainda, um outro aspecto: o resgate da alegria, fortalecendo no poema a sua capacidade de dar prazer, função que Mário destacou nos seus escritos sobre poesia.<sup>3</sup>

Fábio Brüggemann é outro dos poetas que participaram da Oficina e que vem desenvolvendo com assiduidade o seu trabalho literário. Em 1984 publicou, em edição própria, seu primeiro livro, intitulado **Dançando na chuva**. Em epígrafe traz uma frase de Mário Quintana, um dos poetas de sua predileção. A epígrafe diz: "E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da criação." A coletânea não é regular mas contém momentos apreciáveis, muitas vezes marcados pela leitura de Quintana, como nestes versos do poema "O monstro e a beatitude":

"Essas ruas tolas  
elas é que passam  
e não o cachorrinho feio  
coitado  
de tão feio  
criou asas"

Mas nem só Quintana está presente. Drummond é parodiado: "ontem na avenida infernizada/ - lendo drummond - / encontrei um poste / um poste no meio do caminho". E também Manuel Bandeira, um poeta tratado como menor por muitos leitores "graduados", porém íntimo e admirado dos novos, comparece noutra paródia: "eu sempre quis ser soneto / que tivesse a cara de irene / mas um

soneto / este / não tem intermediários / irene / é feia de versos livres".

O verso livre é o instrumento fundamental de trabalho de todos esses autores. Não discutimos que possa ser utilizado de maneira facilitada. A rigor, nenhum verso é livre - já dizia Pound. Creio que ninguém mais ignora isto. O domínio completo do instrumental poético, no entanto, leva tempo, a vida inteira. Entre outras coisas, observamos que a pausa métrica, a liberdade sintática e a integração do espaço gráfico enquanto agente estruturante são recursos bastante explorados. O tom pode mudar inteiramente de poeta para poeta, passando do registro irônico e humorado do cotidiano à denúncia comovida. É o que ocorre em **Urbanóides**, livro de Sandro Sedrez dos Reis, também ex-integrante da Oficina, lançado no presente ano em edição do autor. Reproduzimos o poema "No circo":

"Talvez poucos entendam  
Porque o palhaço bebe  
Sozinho no picadeiro  
Um misto de cachaça e lágrimas

Também poucos notaram  
Que há tempos  
Ele já não pinta  
O rosto  
De verde."

Bacharel em Filosofia e assíduo freqüentador dos varais literários, Sandro traz muito do substrato poético popular em seus versos. Embora sem rigor, explora uma certa regularidade métrica, marcando cadencialmente os seus textos. Acrescenta-se o gosto pela rima, independente de esquemas ríjos, mas nem sempre espontânea. São aspectos que, embora questionáveis e característicos do principiante, garantem-lhe boa receptividade entre os leitores das praças e das ruas onde se realizam exposições de poesia.

Seguindo esta tendência de uma poética menos entregue ao despojamento, podemos citar o livro **Pra nascer um novo sol**, de Saulo de Almeida e Felipe Gustsack. Também de 1985 e editado pelos próprios autores, a obra traz em epígrafe - vejam só! - ver-

sos de Machado de Assis. E não é por nada, pois o tom do trabalho é pautado por uma filiação bem maior, em relação aos despojados, à tradição literária, sem esconder um certo ímpeto idealista. Confirmamos neste "Exílio", de Saulo: "Dá-lhe, poeta / na alcova // Mistura teu acalanto / em sonhos / capazes de absorver / um ideal / de fuga // Tritura o real / com tuas forças / imortais".

A função metalingüística, curiosamente, continua a fazer-se presente, uma constante em toda a nova poesia. Muitos poemas, aliás, não escondem a ansiedade com que procuram a integração da vida. É o caso deste "Vestígio", de Felipe Gustack:

"Rebusco na linha  
um rabisco de vida  
partida  
a folha do mundo  
que me implode em solidão

Vejo pássaros  
chumbados em fardos,  
despencando do céu  
como este papel  
rasgado no chão."

Embora seja, em sua postura existencial e em sua forma de veiculação, tão alternativa ou marginal quanto à poesia humorada e de desnudamento da linguagem, esta tendência poética tem sido sistematicamente omitida nos estudos e amostras da chamada nova poesia. Consideramos isto uma deformação da multiplicidade e pluridimensionalidade do fenômeno poético contemporâneo e uma instigação ao escolismo.

Sem dúvida estamos diante de uma realidade nova, uma realidade que é de transição. E a obra literária que estamos criando é também, e sobretudo, uma obra de transição. Não se deve perder a perspectiva da condição de aprendizado que todos os novos poetas assumem conscientemente. A crítica quase sempre é preconceituosa demais e atrapalha. Por isto entende-se o que diz o poeta Márlion, no instigante jornal "Folha de Lírio": "O poema é a lombriga que estava todo o tempo / dentro da barri-

ga // Tá bom, tá bom! a rima é um anti-acidente e a / crítica que não toque na poesia..."

Gostaríamos de falar de outros novos autores, alguns dos quais integraram a Oficina Literária e realizam um trabalho silencioso de estudo e de produção poética, como Aldy Maingué, A-cyr Seleme e Jeferson Lima. Vamos, porém, aguardar ansiosamente pelos seus livros. "Quantos de nosso companheiros já perderam os significados profundos das suas íntimas palavras?" - pergunta o escritor e também cineasta Mauro Faccioni Filho<sup>4</sup>. Sabemos que são muitos, é uma imensidão, especialmente se olhamos para a população como um todo. Todos nós, poetas, temos um compromisso com o resgate da palavra. A linguagem é a casa do ser, dizia Heidegger. Sabemos que esta casa está ameaçada. Queremos então que a palavra seja um instrumento de luta, de beleza e também de alegria a favor do ser humano. Queremos da palavra um instrumento eficiente, mesmo que tenham que roubar dos mitos a "magia das inspirações".<sup>5</sup>

Mostra-nos o poeta e crítico inglês W.H. Auden<sup>6</sup> que o aprendizado da poesia se desenvolve em etapas sucessivas. A expressão plena depende de passos intermediários, onde o papel da leitura possui importância fundamental. A referência a outros autores, a intertextualidade e a presença constante da função metalingüística demonstram que os novos poetas fizeram uma opção e fizeram-na pra valer. E assim estão devidamente qualificados para o descobrimento do futuro.

#### NOTAS

<sup>1</sup> NOVOS ESTUDOS CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), nº 12, junho de 1985.

<sup>2</sup> "Vinte Anos de Poesia Marginal". D.O. LEITURA, nº 15, agosto de 1983.

<sup>3</sup> "Para que Poesia?", in **Poesia-experiência**. São Paulo, Perspectiva, 1977.

<sup>4</sup> Jornal OITENTA & QUATRO, nº 1, outono de 1984.

<sup>5</sup> A-cyr Seleme, poema sem título, in **POESILHA** (folheto), março de 1984.

<sup>6</sup> **Fazer, saber e julgar**. Editora Noa Noa, Ilha de Santa Catarina, 1981.